

A SIMPÁTICA ARTISTA DO CINEMA
NACIONAL, QUE VEREMOS, BREVEMENTE.

MARIA EUGÊNIA



VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 264
13 DE JUNHO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

SANTOS POPULARES

SANTO António de Lisboa, cujos milagres ninguém esquece e cujas virtudes a povo exalta, inicia hoje a série dos três Santos populares, que são lembrados todo o ano, mas sempre em Junho têm a sua consagração popular.

Formam-se perfeitando pequenos hábitos, cheios de pitoresco e ingenuidade — pouco raparigas queimam a alacofra, que a certeza têm elas de que o namorado as adora, raras deitam, à meia noite, o bochecho de água para a rua — mas as três datas de Junho continuam a ser alegres pretextos para danças e folguedos.

Restos duma tradição de beleza, Lisboa ainda vê brilhar os últimos baldes. Mas a electricidade substituiu os cotos de vela, e o progresso apaga muito do antigo pitoresco das noites ruidosas dos Santos populares.

Nos bairros excêntricos ainda há ruas enfeitadas, cravadas nas janelas abrindo ao sol, manjerites vísceros aguarlando a carícia do luar. Ainda se balla, em algumas ruas, até noite alta — mas até as próprias cantigas que o povo sabia cantar foram substituídas por melodias dos filmes em voga ou das revistas em cena. E tanto que a toada inusitada das cantigas da rua faz falta no aereiro duma noite de Santo António!

«Olha o buldo, olha o baldozinho!...». E a marcha passava, baldes ao alto, como se as estrelas tivessem descido para de mais perto apreciarem a beleza ruidosa das raparigas do bairro.

Depois, Santo António arranjou fama de casamenteiro, e isso não lhe deu, certamente, menor prestígio do que a fama de outros milagres. Pois que valor tem fazer nos peixes, concertar uma bilha ou livrar um pai da fôrca, perante o milagre de felicidade de arranjar, nos tempos que vão correndo, um bom marido?

E as moças casadoras e crentes formam, assim, a melhor corte de admiradoras do santinho. O mais triste, é que são hoje menos as que acreditam que o casamento lhes venha por obra e graça do Santo. Acreditam, muito mais facilmente, que o noivo lhes surta por obra da sua própria graça e por milagre da sua beleza — beleza rotunda a «bilha», concertada e curvada, remendada como o santo fez às bilhas, vermelhas e frescas como as bocas das raparigas!

As festas dos Santos populares perderam muito da sua graça e do seu ternura. Ficaram os manjerites, em redor da praça, por preços tão altos que parecem vendidas pelo mercado negro, os baldes populares, e as máidas que pedem, pela rua, seixo tostozinhos para o Santo António, sem que o Santo, que tantos milagres fez, consiga fazer esse último milagre de acabar com a pedicheite...

ANIBAL NAZARE



Na seu «atelier», o artista pinto um pomar de macieiros

UM "EXÉRCITO FANTASMA"

SÃO hoje conhecidas muitas das artimanhas com que os aliados se entretinham a enganar os alemães.

Desistavam cair sobre as linhas inimigas uma emissora que o povo alemão supunha sua, e chegaram mesmo a enganar o inimigo com um «sétimo» do marechal Montgomery. Nos Estados Unidos, nas últimas semanas, têm sido publicadas várias fotografias do exército fantasma, cujo material era formado por tanques, canhões e camiões de borracha.

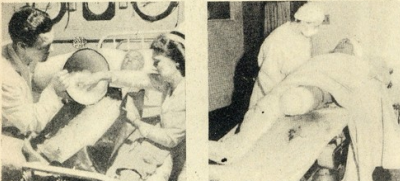
As imitações eram tão perfeitas que, uma vez enchidas de ar, enganavam sempre o olhar perspicaz do inimigo.

Estes «fantasmas» de armas eram tão fáceis de manejar que 12 homens, em meia hora, podiam encher de ar 360 tanques «Sherman» e levá-los para as respectivas posições, a fim de atraírem o fogo inimigo.

Depois de cumprirem a sua missão, eram esvaziados, postos em caméias e levados para outro local, onde fossem necessários.



Este é o modelo do tanque «Sherman» de borracha, que pesa apenas 77 quilos. Depois de esvaziado do ar pode meter-se numa malaça pouco maior do que um jogo de golfe.



1) O gelo é posto em volta da perna a amputar. 2) Quarenta minutos depois da operação, o doente converso, animadamente, com o enfermeiro. Em volta do corte, continua o espesso comado de gelo.

O GELO COMO ANESTÉSICO

O gelo é hoje utilizado como anestésico, principalmente nas amputações. Com este processo tem diminuído bastante a mortalidade elevada que se verificava nos casos de gangrena e de outras infecções perigosas.

É um anestésico que actua durante e depois das operações, evitando o choque doloroso que o paciente suporta com dificuldade quando os outros sistemas de anestesia cessam os seus efeitos.

Também se usa o tratamento pelo gelo a fim de evitar muitas amputações, diminuindo as reacções locais dos tecidos.



Meia hora mais tarde, o doente come, com todo o apetite. Sete dias depois, já pode deslocar-se numa cadeira de rodas.

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO ~ EDITOR: PEDROSA MARTINS
 PROPRIEDADE DE: "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 5844
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA
 TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

UM ARTISTA A QUEM A GUERRA APERFEIÇOOU



UM LIVRO DE ROCHA MARTINS

WILLIAM Thon sempre gostou do mar. Nasceu e viveu junto das docas de Brooklyn. Muitos dos quadros que pintou eram marinhas, românticas e fantásticas. Mas não conseguiu vender muitos.

Quando a guerra começou, alistou-se na marinha, onde serviu durante 4 anos.

Mas continuou artista, mesmo quando embarcado, pensando nas suas pinturas de tal modo que, quando saía de licença, pintava um quadro em poucos dias. Os grandes museus do U. S. começaram a pedir-lhe que expusesse os seus trabalhos.

Um quadro exposto no Instituto Carnegie, de Pittsburgh, foi muito elogiado pela crítica. Outro ganhou o primeiro prêmio num Museu de Brooklyn. Thon tornou-se célebre e é hoje um mestre na pintura de marinhas, como Ryder e Winslow-Homer.

Da coleção «Romances da História Nacional», saiu o terceiro volume, «Coração Português», do ilustre historiador Rocha Martins.

Dono necessário se torna encarecer o valor desta obra, pela garantia que é o nome do seu autor, escritor de real merecimento e devoto trabalhador de assuntos históricos, que sabe tratar desapassionadamente e no invulgar estilo literário que lhe criou um nome — e um público. Basta afirmar que «Coração Português» não demerere dos dois volumes anteriores, «Bichinho de Conto» e «Batalha de Sombras», para que os fieis leitores de Rocha Martins se alegrem por poderem entusiasmarem com mais um livro de inegável valor.



"A MORTE DA MÃE LUGOVITCH"

Augusto Ricardo, jornalista e escritor de estilo vigoroso e sóbrio, e poeta de formosa inspiração, aumentou a sua obra com «A Morte da Mãe Lugovitch», uma brilhante interpretação do poema suésvio.

A capa e algumas páginas da obra de Augusto Ricardo reproduzem esculturas do artista iugoslavo Mestrovitch.

E como é certo que as obras literárias se não medem pela espessura do volume, mas pelo seu valor real, há que considerar este novo trabalho do nosso camarada Augusto Ricardo como uma valiosa contribuição para o conhecimento, entre nós, do fútilo ensaio, interpretado por um poeta de real valor e rara sensibilidade.

UMA RESPOSTA DE BERNARD SHAW

Um célebre escritor, de visita a Bernard Shaw, exprime-lhe a sua surpresa por não encontrar qualquer vaso de flores em sua casa.

— Pensava — disse ele — que o senhor gostava muito de flores. — Também gosto muito de crianças e nem por isso lhes corto a cabeça para depois as plantar de estaca em vasos colocados à volta da minha casa...

TOSCANINI VOLTA A REGER EM MILÃO

Aqui vemos o famoso compositor e chefe de orquestra Arturo Toscanini, que regou, há dias, o concerto inaugural do Teatro Scala, de Milão, depois do seu longo encarceramento. Toscanini, que abandonou o seu país na altura em que se recusou a reger, perante Mussolini, o hino fascista, foi apoteoticamente recebido pelo público.



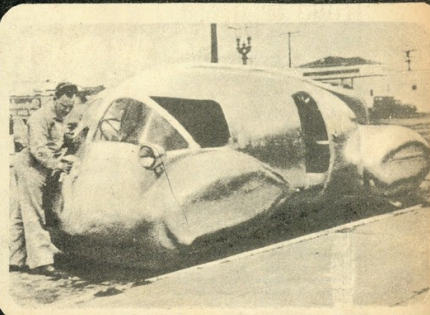
NOVOS MODELOS DE AUTOMÓVEIS



Os carros americanos apresentam, geralmente, um aspecto luxuoso e, até há pouco, eram desconhecidos naquele país os automóveis baixos, do tipo dos carros franceses. Mas agora, um engenheiro de Michigan acaba de construir um carro do dois lugares, cujo aporecimento em público causou sensação. Este pequeno automóvel pode atingir a velocidade de 160 quilómetros à hora. Pela sua forma estranha, deram-lhe o nome de «besoiro», e nada nos admira que, num futuro mais ou menos próximo, o mundo seja invadido pelos novos «besoiros».



O «besoiro» visto por detrás



Um mecânico do Los Angeles fabricou este automóvel com peças de aviões! Tem o motor à rectaguarda e atinge a velocidade da 200 quilómetros à hora!

UMA RELIGIÃO CLANDESTINA



O «barão Sâhados», senhor do cemitério, é um Deus terrível. É o diabo Vandou.

I S habitantes de Haiti consagram-se, clandestinamente, ao renascimento do «Vandou». Trata-se duma antiga religião de África, levada para o Haiti pelos escravos dos negreiros.

A sua prática, transmitida de geração em geração, nas famílias de feticeiros e «mambos», foi proibida.

Contudo, os falados sacrifícios de crianças brancas durante as «missas» do «Vandou», não corresponderam à realidade.

Um único exemplo recente de sacrifício humano foi dado como certo, e os culpados, um grupo de fanáticos que viviam no mato, foram presos, julgados e executados.

Esta religião tem de particular a circunstância de se praticar apenas de noite e de só os negros terem o direito de assistir às cerimónias. Os crioulos não são admitidos por não serem «raça pura». As cerimónias da religião «Vandou» desenvolvem-se sempre em dois tempos. Começam por cânticos, danças, súplicas e invocações, dirigidas ao velho e manco Pai Legba, senhor do céu e da água, que acumula estas funções com as de fiscal da «grade», que permite aos espíritos e às almas dos deuses penetrar nas almas dos fiéis. Estes últimos, excitados pelo ritmo dos tambores que rufam sem parar, põem-se a cantar e a gritar.

Depois disso, as raparigas da aldeia iniciam a dança das «oferendas», até

que uma delas, a mais entusiasmada em seguir o ritmo cada vez mais forte dos tambores, cai esgotada. Os pais e os amigos levantam-na e põem-na por baixo de um pórtico que simboliza a «grade», onde a espera o Pai Legba. Este, satisfeito, abre a «grade», e a primeira fase da cerimónia acaba num ritmo decrescente de tambores. Home-nageado o deus do céu e da água, fica o deus do fogo. Este, o Pai Guentibido, é violento e brutal, e por isso os ritmos sempre cadenciados dos tambores aumentam de intensidade. As raparigas voltam novamente a dançar, e a mais entusiasmada é designada pelo «mambos» como possessora do Pai Guentibido, o deus do fogo. Para o honrar, a rapariga grita e sacrifica frangos, que a sujam de sangue. Cantando, vociferando e dançando aproxima-se de uma fogueira anteriormente preparada e lança nas chamas os animais mortos. Terminado o sacrifício, um «mambo» dá-lhe a beber um trago de silco sagrado dos sacerdotes de Vandou. A beberagem, feita com sumo branco, procura o fogo interior reclamado pelo Pai Guentibido.

Gritando cada vez mais alto, a rapariga salta diversas vezes no fogo onde uma barra de ferro, símbolo do poder, está em brasa. Por fim, cai, e os seus ferimentos são lavados com o silco sagrado, o que a faz gritar novamente. Os «mambos», reunidos, confirmam que está possessora do Pai Guentibido. Acalmado o deus do fogo, a cerimónia acaba numa atmosfera pesada em que cânticos e danças alternam até que manhã. Para fiéis do «Vandou», quando os senhores do céu, da água e do fogo estão satisfeitos, o novo ano de rico de promessas e nenhum incidente desagradável deve vir perturbá-lo. É com este signo de esperança acaba a festa que evoca curiosamente as noites da África primitiva e distante, mas presente, uma África que os habitantes do Haiti deixaram há dois séculos...

Atrozmente queimado pelo fogo interior, as pernas cobertas de cinzas quentes e do sangue do frango, agarrado aos caibros, entoa um cântico feroz à Luz, Deus terrível que aplacado pelas oferendas e o posse do jovem rapariga que ele escolheu, se transformou, pouco a pouco, até se parecer com o pai Guentibido, Deus indulgente e favorável, cômico e popular, que gosta do álcool e de boa carne. Os dois Deuses, satisfeitos, permitem que o festa se realize, escutam alegres os cânticos e as canções lânguidas, numa noite quente que lembra os céus do África onde estes ritos nasceram...



Como os Vandou não têm pintores, pare representar os Deuses, servem para este efeito um almirante americano e algumas imagens cristãs...



O altar de Orange Azane Lengi, Deus do guerra, está cheio de garrafas, vasos e armas diversas



O altar familiar do Deus das serpentes: o água sagrada contida no frasco encerra o alma do Deus, e o ovo representa o seu corpo.



Estes objectos não são peças de museu, são atributos de um Deus Vandou, o Pai Guentibido, que gosta de comer a beber bem



As noivas antes da cerimônia de purificação, dançam ao som do tam-tam até o pai Leão fazer pelo seu boca. A primeira que foi escolhida para apossar o Deus acaba de entrar em transe.



Um frango degolado e as raparigas saipicam-se com o sangue dele, que contém o alma de Deus.



O Deus apoderou-se de uma noiva, cuja face crispada exprime uma alegria dolorosa.



Completamente possuída pelo espírito de Deus, grita, canta, e viva no linguo desconhecida do pai Guenbido.



A noiva acaba de entrar em contacto com o chama divina, que a acerzica e fustiga sem queimar.

um só tubo

"CARMIM"

BASTA PARA AVERMELHAR A BÓCA E BRANQUEAR OS DENTES

Carmim-creme Torero é a única pasta dentífrica que reúne estas duas vantagens.

Usando-a, a sua bóca terá um encanto maior.

DENTÍFRICO CARMIM-CREME TOPERO

FABRICADO COM PRODUTOS PURÍSSIMOS
COMPLEMENTO IMPRESCINDÍVEL DA "MAQUILLAGE"
HIGIENE AGRIPISTA DA BÓCA

DENTOSAN
ELIXIR

PODEROSO

DENTIFRICO

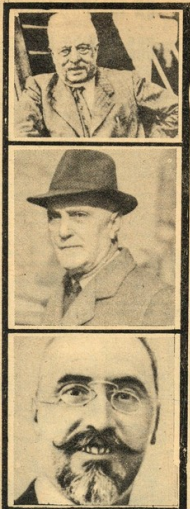
PURIFICADOR

DO HALITO



DENTOSAN

Dentes com saúde



Vittorio Emanuele Orlando, o Conde Carlo Sforza e Venâncio Bonomi, os três políticos italianos que se indignam para a presidência da República.

No dia 2 de Junho, ao mesmo tempo que elegia a Assembleia que deve elaborar o novo estatuto constitucional da nação no fim de vinte cinco anos, o povo italiano pronunciou-se, num referendo largamente preparado, sobre a forma de regime que deseja. Os termos desse referendo eram simples e, na sua simplicidade, envolviam para os eleitores uma responsabilidade enorme. Monarquia ou república? Tal era a pergunta a que os Italianos e chamados a responder três quarteiros de século depois de terem realizado a unidade nacional no signo da Casa de Sabola, e um quarto de século depois de esta ter violado o juramento constitucional prescrito pelo «Statuto» de 1848.

Como foi possível chegar a esta decisão cujas consequências são de importância decisiva para a Itália e para a Europa, quando a identificação da dinastia com o povo parecia absoluta ao considerá-la nativa e a grandeza dos serviços que a primeira prestara à segunda? Não há dúvida que a solidariedade expressada pelo monarca italiano ao fascismo, na sua política de guerra,

constituiu o factor que maior influência exerceu para criar e alargar o abismo que separava a nação do soberano desde o dia em que este consentira que a Itália se aliasse com o Reich hitleriano, negando as suas tradições evidentes e os seus interesses sagrados.

O advento do fascismo não feriu a consciência do povo italiano, embora tivesse suscitado a animosidade dos elementos da opposição agrupados nos partidos políticos do centro e da esquerda que existiam à data da marcha sobre Roma. Embora a responsabilidade de Vitor Manuel III nesse acontecimento não oferecesse dúvida, ela não era, certamente, maior do que a dos políticos constitucionais, do Parlamento e da opinião pública. O rei violara. É certo, o juramento constitucional, mas os parlamentares haviam-se retirado também para o monte Aventino, e a nação não manifestara qualquer propósito de reacir contra a ditadura pessoal que se instaurava sob a máscara da legalidade parlamentar.

A evolução do regime fascista foi assinalada por episódios de ordem interna e externa, alguns dos quais foram de molde a iluscionar o orgulho italiano. E difere dizer, com fundamento, que a nação italiana, excepção feita de uma minoria fútil que via claramente o abismo que a vontade do ditador estava a cavar, não aplaudiu abertamente Mussolini durante o período das hostilidades verbais que tiveram o seu ponto culminante na conquista da Abissínia e na invasão da Albânia.

Mas a incompatibilidade secular

Vitor Manuel passa revista a uma formação de cadetes



Aqui vemos o príncipe de Piemonte, ao lado de Mussolini, assistindo a uma parada no apoio do regime fascista.

com os germanos, expulso do território nacional aos gritos de «Fuori i barbari», era uma constante da grandeza e uma razão do prestígio internacional da Itália. Fora contra a Alemanha que a Itália realizara a sua unidade sob a égide dos Sabolas. Fora para aliar a pressão que o germanismo expansionista e absorvente fazia pesar sobre as suas fronteiras, sempre ameaçadas, que o povo italiano pegara em armas em 1915, correspondendo ao apelo ardente e latino de Gabriel d'Annunzio.

Como nós Benito Mussolini praticar esse erro fundamental que havia de lhe custar a vida e que marcaria o termo do regime que ele criou e das instituições monárquicas que dizia servir? Como pôde o rei, apesar da sua fraqueza e da sua falta de cultura política, associar a responsabilidade da monarquia e da dinastia que simbolizava uma orientação que negava os sentimentos profundos do povo italiano, suas tradições arraigadas e as suas conveniências evidentes?

Pode dizer-se que a monarquia caiu em Itália não no dia de Outubro de 1922 era que o ditador fez a cómoda viagem de Milão ao Quirinal para receber o poder das mãos do monarca a quem lisonicamente chamava «Sabola, o numismata», mas em Maio de 1937, em que, num discurso inflamado que proferiu em Berlim perante uma multidão orquestrada pelo Dr. Goebbels, proclamou a existência do Eixo e afirmou a solidariedade invencível dos dois regimes e dos dois países. Não mostrando nesse dia, de significação repercutida histórica, a decisão de separar nitidamente as necessidades do fascismo dos interesses da nação, Vitor Manuel III lavrou a sentença de morte da monarquia italiana, a qual seia executada nove anos depois.

Não é legítimo atribuir, com fundamento, qualquer responsabilidade efectiva do príncipe de Piemonte nessa política. Durante muito tempo, o herdeiro do trono foi ostensivamente apontado como chefe do antifascismo em Itália. Tudo indica que ele se não sentia inteiramente mal com a invocação desse título. Mas a realidade era bastante diferente dessa lenda. O príncipe não sympathizava com o regime mas não tinha vontade de se envolver em condições de hostilizar. Quando a euforia, criada em todo o país pelo imperialismo mussoliniano se tornou uma força irresistível e contagiosa, entre 1935 e 1940, Umberto colaborou estreitamente com o «Duce» esquecendo-se da lei que se proclama e que dava ao Grande Conselho Fascista a facultade de o eliciar do trono.

A sua responsabilidade não foi além da de uma colaboração activa expressa em proclamações e documentos oficiais e na attitude que assumiu ao aceitar o comando efectivo das tropas que invadiram a França em Junho de 1940. Essa responsabilidade incontestável não bas-

taria, porém, para ditar o veredicto de 2 de Junho. Foram os actos de seu pai que criaram as condições para que ele se expressasse de maneira inequívoca quebrando os laços que, durante mais de setenta anos, uniram a coroa e a nação.

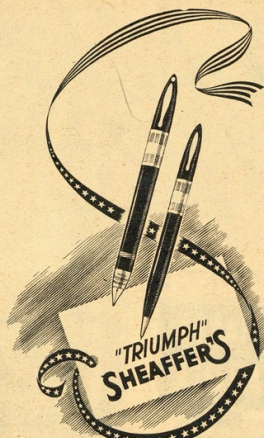
As últimas eleições realizadas em Itália antes da guerra, em 1921, agravaram as condições políticas do país e levaram à instauração do regime de poder pessoal que acabou por precipitar o país na derrota. Aquelas que acabam de se realizar, com os resultados que são conhecidos de todos, inauguram uma era nova na vida da Itália, obrigada a curar as feridas causadas pela sua intervenção num conflito que não punha directamente em causa os seus interesses vitais ou a sua honra tradicional. O largo intervalo de um quarto de século que decorreu entre essas duas consultas ao eleitorado, corresponde a um período histórico em que a missão espiritual e civilizadora, moral e religiosa da Itália foi substituída por uma contrafacção imperialista talhada sobre o modelo distante do cesarismo romano.

Monarquia e ditadura são elementos ineluctáveis e antagónicos do vocabulário político. A sua coexistência de um dos termos do binómio. Os casos, aparentemente felizes, de colaboração entre os reis e os ditadores, a que a história se refere, são não possíveis quando do facto se verifica preponderância dos primeiros. Bismark nunca foi um ditador no sentido que empregamos esta palavra, e de que Mussolini foi, no nosso tempo, o mais expressivo intérprete. Além das limitações dos Estados e das assembleias existentes na Alemanha, que miséria do federalismo para a unidade, havia a personalidade vigorosa de Guilherme I, que se não comparava à debilidade conhecida de Vitor Manuel III.

A intervenção da Itália na última guerra, a realização da aliança com o Reich hitleriano, revolucionário e agrário, expansionista e racial, foram as causas verdadeiras da queda da monarquia em Itália. Hoje, os motivos causais acrescentados que contribuíram para o resultado do referendo de 2 de Junho, não são aqueles a que se referem a Casa de Sabola ainda continuaria por muitos anos a reger os destinos da Itália.



O príncipe Humberto, a princesa Maria José e três dos seus filhos. À direita, o pequeno Vitor Manuel.



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L.^{da}
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1 - LISBOA - TEL. 28297

UM VALIOSO TRABALHO COM MÉRITO PORTUGUÊS



Dr. Duarte Peixoto

afecções das glândulas de secreção interna. Constitui a primeira obra de conjunto publicada em português sobre esse tema, e um dos poucos trabalhos mundiais especialmente dedicados à terapêutica endócrina. Do trabalho do grande endocrinologista Professor Celestino da Costa, extraiamos o seguinte passo:

«O público médico certamente saberá apreciar este ingente trabalho e dará o devido valor ao espírito crítico do seu autor e à forma inteligente e criteriosa pela qual foi possível levar a cabo tão difícil e custoso empreendimento. Tal como se apresenta marca esta obra uma etapa no conhecimento português da endocrinologia»

Por estas palavras do Prof. Celestino da Costa, é fácil de avaliar o valor da obra do Dr. Iriarte Peixoto, um médico ilustre que alla a uma extrema modestia um excepcional valor e amor à sua profissão.

NUMA esplêndida edição, verdadeiramente vulgar para sua categoria e bom gosto, acaba de sair «Terapêutica das doenças endócrinas» — um livro do doutor Iriarte Peixoto.

O trabalho deste ilustre médico dos Hospitais é uma ampla revisão dos problemas do tratamento das



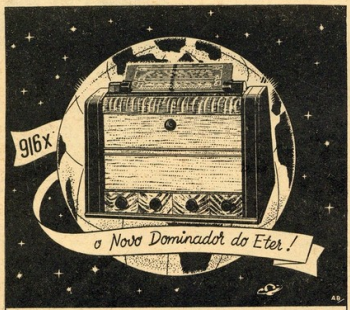
O sr. Embaixador dos Estados Unidos concederou, há dias, alguns oficiais portugueses, com a Legião de Mérito, por serviços prestados, durante a guerra, à cousa aliada. Os agraciados são os srs. capitão de mar e guerra Francisco Penteado, capitão-tenente Manuel Sarmiento Rodrigues e primeiro tenente João Sales Henriques.



Durante a visita do sr. ministro do Interior ao Sanatório da Colônia Portuguesa do Brasil, em Covões



Na inauguração da Casa de Redução de Rapazes, em S. Martinho do Bispo, o sr. capitão Paulo Afonso lê o discurso inaugural



O PHILIPS 916 X, o receptor de grande classe da "Nova Série Holandêsa, é um verdadeiro aparelho intercontinental.

É um instrumento musical de rádio de perfeição inigualável. Música e palavra são por ele reproduzidas com a maior nitidez. A sua apresentação em móvel de luxo com escala "Inclinador, torna-o aliciante.

O 916 X, é o receptor mais qualificado da Nova Série

PHILIPS 1946

À venda nas representações autorizadas da
PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

LISBOA Avenida de Lisboa, 3 PORTO Avenida dos Aliados, 151 COIMBRA Rua Diniz de Castro, 112

O GRUPO DE TEATRO MODERNO DA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

Os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa continuam cultivando o seu amor ao teatro moderno, em interessantes iniciativas que têm obtido merecido êxito.

As três fotoras que hoje publicamos representam aspectos da peça «Ti Maria», do escritor Miguel Torga, que foi interpretada, nos principais papéis, pelos estudantes Maria Cândida Ferreira, Madalena Nünico de Carvalho, Maria Rafaela Saldanha Gonçalves, Dulce de Sousa Rebelo, Fernando Alves Soromenho, Manuel Tänger Correia e Maria da Soledade Freire de Oliveira.



Madalena Nünico de Carvalho, em «Ti Mariana», diz para Maria Rafaela Saldanha, a «Rita»: — «Então tu cuidas que me fazias o ninho atrás da orelha como a etês pai?»



Manuel Tänger, a «Ti Manel», diz: «Ora botc lá outro caso, Ti Mariana!»



Fernando Seromenho, o «Domingos», clama: — «Eu viel Eis a Sercia em forma de gente!»

A EXPOSIÇÃO CANINA NO JARDIM ZOOLOGICO



O Chefe do Estado e outras entidades inaugurando a Exposição



Alguns expositores aguardam a classificação



Examinando um exemplar

“INDUSTRIA E TECNICA”

ESTÁ publicado o número cinco de «Industria e Técnica», uma publicação única no género em Portugal.

Redigida em quatro idiomas — português, francês, espanhol e inglês — impressa em ótimo papel e com um magnífico aspecto gráfico, trata-se duma publicação que honra o nosso país, pela sua excepcional projecção no mundo.

«Industria e Técnica», que publica artigos assinados pelos melhores nomes da Técnica e da Economia, não só portugueses mas de todo o mundo, é distribuída em Portugal, Espanha e países americanos, e, além de variados noticiários internacionais de especialidade, continua a publicação de «Dicionário técnico» em cinco línguas.



O sr. ministro do Interior inaugurando a Exposição-Feira Pecuária de Santarém



O sr. Embaixador de Inglaterra com o director da B.P.C., sr. A. R. Bisle, durante o «cock-tails» oferecido na Avenida Polaco pelo adido de Imprensa e Emboaxado ingleso.

“SOL DE AGOSTO”

por Brancamp Barahona Fragoso [Epitáfio]

Num pequeno livro, cujo produto da edição se destina à Misericórdia de Cuba e que dedica ao povo daquela vila, publica o sr. Conde da Esperança algumas poesias ao estilo campestre, em que canta amorosamente o sol alentejano.

O sr. Conde da Esperança, importante lavrador e proprietário no Alentejo, conhece, como poucos, a vida e os anseios da boa gente da planície alentejana, que interpreta singelamente em versos que o povo há-de, com certeza, compreender e apreciar.



Com **NIVEA** podeis trabalhar sem receio

Gracias ao Creme Nivea as mãos das donas de casa sujeitas a todos os trabalhos não se estragam. A noite e depois do trabalho caseiro deve cuidar-se das mãos com Nivea para que fiquem sempre macias e lisas. Mesmo que a pele seja seca e dura, o uso de Creme Nivea torna-a aveludada.



Preço desde 6\$00



Deposito Branco & Fernandes, Lda
Prazeres, Rua Superior, Lisboa

A "QUEIMA DAS FITAS" EM COIMBRA



As alunas das Faculdades unem-se, com o seu pessoal, a alguma comita acadêmica



Representação, este ano, de extraordinária originalidade, no festejo do «Quatro dias Fitas», em Coimbra.
A municipalidade, sempre cheia de espírito e inventividade, criou, extraordinariamente, novos ritos, e sua tradicional elegância?

As futuras doutoras celebraram elegantemente nos festejos civis!



Outro carro que abeira grande festa



Festa como abeira a primeira graduação



Outro aspecto da festa da Faculdade de Medicina, variedade de comita



Também esta festa foi muito agitada



Os alunos de 1.º ano e a municipalidade festejaram, no tradicional programma, o cortejo de Coimbra



O sr. professor Manuel Barreto recebeu os futuros médicos, e para eles se deixou fotografar com o tradicional cortejo de estudantes



Os quinquenários de 1930-31 vieram a Coimbra muito ao festejo!



Mais de 2 500 pessoas assistiram ao cortejo no Largo D. João III



O Aldeia das Faculdades teve uma grande escuridão, pois restou pouco de lenha no primeiro de maio!



Os alunos de letters 1.º ano de Coimbra, fotografados no primeiro dia em que puderam sair as suas casas



Alunos do 2.º ano médicos, que acabaram visitando as salas de anatomia e os hospitais de Coimbra



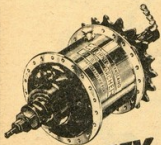
Os quinquenários de Medicina no campo



Um aspecto da passagem dos carros

INSISTA NO

GENUINO
E ORIGINAL



STURMEY-ARCHER

Corretes de bicicletas com movimento controlado

Sturme-Archer Gears, Ltd.
Nottingham, England

S.S.I.

BARATA MOURA UM NOVO EXPOSITOR NAS BELAS ARTES



BARATA MOURA

BARATA Moura acaba de realizar, no salão das Belas Artes, a sua primeira exposição. E do êxito, como incentivo para novos trabalhos, crítica tecer-lhe louvores, apontando o seu caso de autodiágnose como uma das mais expressivas revelações. O público, também, soube acarinhar o artista dando-lhe, com a sua presença, incentivo, e com a compra duma vitrina de trabalhos o estímulo material de que um pintor, nestas circunstâncias, necessita. Barata Moura é um artista consciencioso, honesto nos seus processos, trabalhador, que, embora inquieto, não tem pressa de chegar, numa correria, senão onde as passadas tem segura, e a possam levar. Dal o seu retraimento, a sua timidez por uma exposição onde pudesse mostrar claramente quanto vale e quanto pode o seu pincel de impressionista. Cão se revelava, neste rapar de vinte e poucos anos, a habilidade para o desenho. Beirão de natureza, foi a Beira que primeiro o fascinou com o seu sol e os montes verdejantes. Muitas vezes ali, por caminhos solitários em sombras acolhedoras, ele sentiu a necessidade de transmitir a inquietação que o espectáculo da Natureza mostra ao seu espírito. Foi a pintora Eduarda Lapa que, uma tarde, andando por aqueles caminhos a descobrir motivos para os seus quadros, lhe deu coragem, etagando os ingénuos trabalhos que então Barata Moura fazia. A curiosidade do futuro artista era ilustre pintora acompanhando-o, seguindo-lhe os passos, como se a sua alma se sentisse deslumbrada por aquelas tintas. Trabalhou muito. Veio para Lisboa e, na Escola de Arte Aplicada, fez um curso distinto.

Já os seus trabalhos acusavam um timbre personalíssimo, uma marca visível — que deixa de pertencer ao campo da habilidade para interessar a vida artística.

E assim appareceu agora, embora já tenha figurado em exposições colectivas, onde tem sido premiado, Barata Moura, sozinho com os seus quadros, que são, pode dizer-se, a credencial d'um promettedor artista.

— Qual é o pintor que prefere? — Bem vê: em pintura há sempre várias predilecções. Certos autores atraem-nos pela cor, ritmo, beleza, que sabem transmitir. Outros é o vigor, o forte temperamento. Alguns ainda é a luz maravilhosa, quase segredo de paletas divinas, que iluminam perspectivas e planos. Duma maneira arca, gosto de todos os bons artistas — daqueles, afinal, que nos ensinam qualquer coisa. Em particular, porém, para mim há na nossa pintura um extraordinário artista,

que sempre me domina e que me não canso de admirar! Malhou.

— E com entusiasmo. — E ele, na realidade, aquele que melhor sabe dar ao meu temperamento a melhor soma de vibração e crença de suavidade e beleza. Malhou é, por assim dizer, o intérprete da grande festa da Natureza e o grande modelador, pela tinta, das almas portuguezas. Onde ele está, está o sentimento vivo da nossa terra — desde o penedo ao infinito nostálgico da serra.

— E que influencia lhe pode despertar esse culto pelos mestres? — Apenas a crença de que a sua Arte ficou eternamente. Admiro, venho, sinto-me emocinado ao ver venho, quadros que são maravilhas. Mas, acredite, quando pinto esqueço-me de tudo. Não me lembro do que vi — nem sequer tento recordar-me. O que vou pintar pertence-me. Estou só, com aquilo que sinto.

— De resto, não é possível interceptar o pensamento criador, que brota espontâneo, com o pincel visual, que vive nos olhos mas que não está na alma.

— Sim, não sinto influencia por ninguém. Quando pinto — vivo apenas com a angústia, sofrimento ou alegria da minha alma. Ela é que comanda — porque sente, vibra, emocio-na-se.

— Qual o género que mais gosta, em pintura? — A paisagem seduz-me. Todavia, quero — e até por que tenho algumas encomendas feitas nesta exposição — dedicar-me, também, ao retrato. A figura tem sempre humanidade — e até, vamos lá, paisagem. Hoje um

retrato deve reflectir todas as cambiantes da alma. É impossível pintar um demónio com os olhos piedosos dum santo — ou um apóstolo com o brilho devasso dum «coupleur». O retrato não é mais do que a paisagem da alma.

— Projectos? Novas exposições? — Um artista nas minhas circunstâncias, que se fez à custa de sacrificios e lutas, que nunca teve um mestre e viveu, pelo estudo, sem a orientação dum mestre, está sempre inquieto e desejo de saber das suas possibilidades. Vou, daqui a algum tempo, expor no Porto — e possivelmente noutras terras, talvez em Espanha. Continuarei a trabalhar confiando no meu desejo de acertar. A crítica dirá — e o público, que é sempre o melhor julgador, há-de, certamente, acarinhar o meu esforço. Os resultados desta minha primeira exposição excederão tudo quanto podia julgar. Compreende: sou novo — e vim, pelo meu pé, ao encontro da multidão!

M. M.

Trés trabalhos de Barata Moura que estiveram expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes



É UM PRAZER BARBEAR-SE

COM



O creme dos grandes desportistas



Sendo o creme de barbear de maior categoria internacional é o mais económico, pois cada tubo é suficiente para 20,90 batons. Todos os grandes desportistas do Mundo preferem este creme LEA, que tira as espinhas e apereza da pele, deixando-a muito macia.



COMO «LEA» É UM PRAZER BARBEAR-SE COM «LEA» É LEMBRAR DUMA MAIOR ECONOMIA. NÃO SE PODE USAR «LEA» SEM HÁVER DIFÍCIL.

ISTO INTERESSA-LHE, MINHA SENHORA

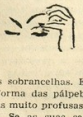
Dê aos seus olhos uma beleza adequada

As sobrance-lhas descaídas nunca são belas. Endireite-as to-dos os dias com uma pequena esco-va, para fazê-las seguir a sua linha natural de expressão e para eliminar qual-quer excesso de maquiagem. Leve-as um pouco para cima, e depois, do centro para fora, dê à linha superior uma curva suave.



Se são um pouco rebeldes, um pouco de vaselina ajudará a pô-las no seu verdadeiro lugar.

Quando as suas sobrance-lhas estiverem na sua linha, extra-las os pelos que estão fora dela. Nunca altere a curva natural das sobrance-lhas. Elas devem seguir a forma das pálpebras. As sobrance-lhas muito profusas são pouco atraen-tes. Se as suas se unirem, elimine essa união, de modo que cada sobran-celha comece à mesma altura em que está situado a ângulo interior do olho.



Se as suas so-brancelhas são muito claras e carecem de uma expressão de-líada, use um lápis. Se a senhora é loira ou de pele avermelha-da, a cor ideal é o castanho. Sus-tenha o lápis em um ângulo de qua-renta e cinco graus. Apóie os dedos anular e mínimo na face, enquanto repassa a sobrance-lha. Nunca desene uma linha inteira. Trace várias, pequenas, para que o resultado da maquiagem seja mais natural.



Certifique-se de que a sua escova de rímel esteja limpa. Humedece-a, então, com uma gota de água e repasse suavemente com ela o rímel, procurando depois eliminar qualquer excesso. Segure a pálpebra com a mão esquer-da, para que ao re-passar as pestanas de cima possa chegar também às dos ângulos. A se-guir, com um pente, muito limpo, separe as pestanas. O resultado embe-lezará os seus olhos.



A sombra das pálpebras deve ser exactamente o que o seu nome indica: uma som-bra fugitiva que nunca deve ser aparente. Será um fundo ade-quado para os se-lhos olhos, pelo con-traste que forma.



Mas ninguém deve saber nem notar que a senhora a usa. Portanto, não abuse. Tome um pouco e aplique-o no centro da pálpebra, pois esten-de-se bastante.

Depois comece a espalhar a som-bra para cima e para fora; a se-guir faça o mes-mo para baixo e para dentro. Isto dar-lhe-á a som-bra irrecorreci-vel. Finalmente, veja-se ao espelho, sob uma luz forte, para certificar-se do efeito conse-guido por este método simples de maquiagem para embelezar os olhos.



O Senhor das Damas

camurria
quada
velveira

DE
MARCEL DOS SANTOS MONTRO
GENERAL IMPORTADOR

PRODUTOS
Rubbertex

7 ARTIGOS MAIS UTILÍARIOS
PARA CRIANÇAS E SENHORAS

Avantais — Copas — Toucas para banho — Biberes — Bóbetes — Vestidinhos para crias. 225

O livro que todas as senhoras devem ler

O CORTE SEM MESTRE

UTIL E PRÁTICO
1.º VOLUME DA
"BIBLIOTECA PRÁTICA DO LAR"

EXPERIMENTE

Perfume e Beilho
incomparáveis

CARRINHOS PARA BEBE

A pronto e com facilidades de pagamento
Atendem-se pedidos da
provincia

MAXIMIANO PAULO, L^{DA}
2.C, Av. Praia da Vitória, 20 - LISBOA

DESCONTOS AO PORTADOR DESTE ANÚNCIO

Da acreditada marca **Fabrilanca**

UM CONSELHO CERTO

PARA AGRADAR A SEU MARIDO PREPARE-LHE OS DELICIOSOS BOLOS COM FERMENTO EM PÓ

VITÓRIA

Em todas as boas mercearias e na fábrica
Rua Alves Tarou, 13-18 - Telef. 4.5456



MAURICE CHEVALIER

A PROPÓSITO DE MAURICE CHEVALIER

POR FERNANDO D'EQEA LEAL

Sobre a sua comunicativa boa disposição, dizia-me em Paris um amigo meu, que me acompanhava sempre durante a minha estada naquela cidade, numa noite em que o desejava ir à «Comédie» ver a «Phédre», de Racine: —Hoje não, tem paciência. Estou muito acabrunhado, mal disposto, sem nenhuma disposição para ouvir os gritos dos artistas da «Comédie», nessa horrível tragédia. Vamos, senão te importas, ver o Chevalier, ouvir o Chevalier, pois que nestes dias preciso dele, que para mim não é só um grande cançonetista, é também um remédio... para a minha neurostenia!

Outra artista que nessa época estava fazendo um grande sucesso, era a famosíssima Edmunda Guy. Triunfava no «Ba-Ta-Clan». Tinha-se estreado havia pouco tempo no «Casino de Paris», onde tinha passado despercebida. Filha de um general morto na Grande Guerra (pobres generais, que a seguir às guerras deixam sempre tantas filhas desaparradas!), e pertencendo a uma boa família da Bretanha, casou um dia com sua mãe e duas irmãs para Paris, onde foi parar ao «Casino».

Como all ninguém deu por ela, destituida, foi bater à porta de Madame Rasini, directora do «Ba-Ta-Clan», que no seu escritório, logo que a viu, achando-a muito formosa, a mandou pôr em trajo de Eva, dizendo-lhe: «A mesma noite valste apresentar assim em cena!».

E foi. Mas como ela, entre os bastidores, vacillava, naturalmente devido a uns restos de pudor, foi preciso, no momento de se apresentar ao público, que Madame Rasini lhe desse um forte pontapé...

A formosura de Edmunda Guy triunfou rapidamente. Chegou a ser «vedeta». Os directores do «Palace» contrariaram-na, e apresentaram-na como «estrela» na revista «La Beauté de Paris», mas como o seu talento estava só na sua plástica, não agradou, e teve que voltar a ser a Eva das revistas do «Ba-Ta-Clan», sempre envolta em gazes.

Nesse inverno, estava também em fogue Josefina Baker. Paris delirava

com ella. Vinda de uma «colónia», desembarcou naquela cidade e logo um empresário lhe descobriu grandes qualidades, tendo feito o seu «debut», se me não enganar, no «Moulin Rouge».

E Paris, a linda cidade do bom gosto, a cidade das coisas belas, deu a todo o mundo o irrisitissimo espectáculo de se entusiasmar loucamente com aquella ingénil preta!

Via no «Casino de Paris» fazendo



JOSEFINA BAKER

um colossal success, guinchando uma immoralíssima cançoneta, «Banana Olla», apresentando-se apenas com uma tanga de babanas...

A estudada, o «cômico» e o impudor, feitos mulher e feitas danças, é o que se encontra naquella destestável negra, que não tem no seu objecto alambolmo nem sequer a beleza impulsiva e natural dos selvagens...

Contou-me meu irmão mais novo, que antes de ir para o Rio de Janeiro passava grandes temporadas em Paris, que Josefina Baker teve um «cabaret» aonde ela, depois do espectáculo, se exhibia. Tinha então casado com um autêntico mas arruadíssimo comde italiano, muito distinto, novo, mas sem vergonha nenhuma...

Davam-se então nesse «cabaret» cenas verdadeiramente cómicas, pois que o tal comde, irrepreensivelmente bem posto, muito grave, sentava-se a uma mesa de berrando «cocktails», enquanto sua esposa, ad com uma tanga, cantava e dançava, espalhando carícias pelos seus admiradores...

CHEGADA de Winston Churchill no campo de Amsterdam, quando da sua recente viagem à Holanda para assistir às festas da comemoração do primeiro aniversário da libertação daquelle país.

Mr. Churchill foi acompanhado nesta viagem por sua filha e Madame Churchill, que se vê nesta foto saindo, sorridente, dum dos luxuososapparehos K.L.M. a Companhia que, entre muitas carreiras, faz triasmamualmente Lisboa-Amsterdã e vice-versa, e biasmamamente Amsterdam-Nova-York e vice-versa.

Pela ocasião, foi este aparelho da K.L.M. posto especialmente à disposição do grande estadista inglês.

De vez em quando aproximava-se do maritido, sempre muito sério, muito correcto, e então fazia-lhe uma festinha... Na festa!...

Na véspera de deixar Paris foi ao «Moulin Rouge». Nunca tinha visto a Mistinguett, a qual, coltada, estava já em manifesta decadência, pois tinha perdido a sua popularidade. A celebridade desta artista veio-lhe das suas fofas pernas, que elle passava a vida a mostrar nas platéas de todo o mundo! O empresário daquelle «musette» hall, aterrado com a falta de público e vendo uma catastrophe financeira, estava nessa ocasião a preparar-se para substituir por outra vedeta, o que fez passado pouco tempo.

Mistinguett estava velha, o pior que pode acontecer a uma mulher.

Teve uma grande época de glória. Paris entusiasmou-se com as suas belas pernas! Novos e velhos sonharam com «ella»!

Mas o rosto tornou a encher-se de rugas, a perder a frescura, e essas formosas pernas já não a puderam salvar de tão irreparáveis desastres...

Hoje já ninguém fala nela!

Mas a ceno mais dolorosa que se passou com esta artista foi em Barcelona.

Mistinguett, já avelhada, resolveu fazer uma «tournee» pela América do Norte. Os americanos, boas pessoas, com a sua «gótica» disposição, acharam-lhe uma certa graça, o que realmente ella tinha, e, benevolentes, passaram por cima da sua idade...

Quando regressou, desembarcou em Barcelona. Os jornais daquela cidade annunciam-lhe ella e a hora a que ella chegava. Os estudantes ficaram radiantes! lam ver, finalmente, a tão falada artista, e resolveram ir, em massa, ao cala, para lhe fazerem uma grande e bela manifestação.

«Galceava» ver uma formosa rapariga com umas pernas encantadoras! O paquete chegou. Os passageiros começaram a desembarcar, atravessando a ponte. A academia esperava ansiosa. Até que em certa altura ouviu-se uma voz gritando: «Aí vem a Mistinguett!». E apareceu, então, uma mulher, já de bastante idade, magra, feia, com o nariz encarnado, muito agasalhada e a espirrar!

Os estudantes, ao vê-la assim, tiveram uma decepção tão grande que berraram, com todas as forças dos seus pulmões: «Fora a velha! Fora a velha!» e assobiaram-na furiosamente!

QUANDO estive em Paris, em Janeiro de 1929, Chevalier era então o rei daquela formosa cidade.

Estava no Casino de Paris cantando as suas engraçadas e bréjeras cançonetas com Ivonne Valée, com quem se apresentou em Lisboa, no teatro São Luís, tendo feito um grande successo.

O seu tipo agratado, simpático, bonito, o que as damas, como é natural, apreciam muito, impressiona bem o espectador logo que elle entra em cena. Tem a habilidade de, em poucos minutos, comunicar ao público a sua exuberante alegria, o qual, depois, não se cansa de o ouvir e de o aplaudir.

Dizem os jornais que Chevalier vem em breve a Lisboa.

Naturalmente, muita gente ao ler esta noticia, terá dito: «Mas ele já está velho». «Já não tem voz, concertez!». «Já não deve ter graça!». Ao que eu respondo: «Chevalier nunca envelhecerá! Há-de ser sempre o mesmo engratado garoto. Quanto à voz, quise se pode dizer que nunca a teve, e tem sido um dos maiores cançonetistas da França! E que poucos como elle «sabem dizer!».

Há tempos li num jornal francês que era um bom filho, que adorava os seus pais, uns velhinhos que residiam numa pequena aldeia, onde ele nasceu, e a quem la abraçar e beijar sempre que podia fugir aquella horrível balbúrdia de Paris. Dava-lhes todo o conforto, e sustentava a sua custa na sua terra, dois sellos, um para crianças e outro para velhos.

Não me admirei.

Há caras que não enganam. Com aquella expressão de alegria, com aquele riso franco, que lhe conheçamos, não podia deixar de ter um grande coração.

MISTINGUETT



A VIAGEM DE CHURCHILL À HOLANDA



INDICADORES DE MINAS

Aqueles aparelhos com que os soldados procuravam as minas exploradas enterradas nos campos de batalha, os indicadores de minas, vão agora encontrar as mais variadas aplicações pacíficas.

Podem servir na descoberta de metal enterrado, as companhias de gás vão utilizá-los para assinar a posição das canalizações no subsolo das ruas, os veterinários servirão deles para localizar no estômago do gado pedaços de metal e pregos engolidos, e já há mesmo quem pense aplicá-los na descoberta do tesouro do capitão Kidd, enterrado na ilha dos Coccos...

OS CAVALOS TAMBÉM VÃO AO OCULISTA

Um correspondente do «Manchester Sporting Chronicle» descobriu que o seu cavalo era curto de vista, levou-o ao oculista para lhe examinar os olhos. Este verificou que o animal precisava de usar óculos de lentes côncavas número 7. Quando o cavalo se encontrou de óculos postos mostrou-se, em princípio, surpreso, mas pouco depois dava sinais de evidente satisfação.

O seu passo, que era tímido e hesitante, voltou à normalidade. Se o levavam para o pasto sem óculos ficava parado, relinchando tristemente. Se lhe colocavam os óculos, desatava a correr pela pastagem, visivelmente satisfeito.

A primeira ideia, pode ter-se a impressão de que isto dum cavalo usar óculos é um enorme disparate! Mas, pelos vistos, não é!

CRIMINAL

Orientado por Leiria Dias

1.º Torneio Problema n.º 8

A MORTE DO COMERCIANTE



Os operários camarários das obras do Campo 28 de Maio largavam o trabalho do dia, quando o nosso Inspector tocou a campainha da vivenda «Marilha», onde fôra chamado por causa da morte do dono da casa, o grande comerciante Renato Fazenda.

Segundo a comunicação recebida, o comerciante fôra encontrado no seu escritório morto com um tiro na cabeça.

O Inspector mal entrou no «chalet» dirigiu-se para o aposento trágico, onde, sozinho, procedeu a um rápido exame. Renato Fazenda estava tombado sobre a secretária onde, além de vários objectos valiosos, se via um pequeno papel próximo da mão direita do morto, e em que este, certamente já sem forças, garatujara as letras CH. Uma janela que dava para o jardim da vivenda encontrava-se aberta. Dando por findo o seu exame, o Inspector deixou o cadáver do crime e reuniu noutra sala o sobrinho do morto e um velho criado, únicas pessoas que consultavam com o comerciante.

Depois de atender o seu característico cochilinho, o Inspector convidou o primeiro a fazer as suas declarações.

«Tendo almoçado fora, como faço frequentemente, regressi a casa depois do repasto. Tinha combinado falar com meu tio sobre os negócios, e como ouvi bater as três horas no relógio do escritório vi que me demorara mais a almoçar do que pensava, dirigi-me logo para lá, calculando encontrar meu tio no escritório. Como batesses e não obtivesse resposta alguma, abri a porta e del com a horrorosa cena. Chamei então o criado e apressei-me a comunicar o caso à polícia».

O Inspector, escutadas estas declarações, ouviu seguidamente o depoimento do criado:

«Eu pouco posso dizer, senhor Inspector. O menino Francisco telefonou-me e disse-me que o senhor Fazenda fôra morto e que a chamar as autoridades. Desde as duas que me encontrava nos aposentos do fundo da casa e nada ouvi de suspeito».

— Porque diz você isso?

«Porque tendo ouvido tocar à porta, acorri para a abrir, ouvindo nessa altura bater as duas horas no relógio do escritório. Tratava-se dum pessoa que vinha enganada na direcção, e retirei-me então para a cozinha».

— Bem, pode retrair-se. Eu já sei quem matou o seu patrão.

Pergunta-se:

- A quem se referia o Inspector, e porquê?
- O criado falara verdade? Porquê?
- Que significado tinham aquelas duas letras escritas pelo comerciante?

Mande-nos os resultados a que chegar, mas até ao dia 20 de Junho corrente, para a Rua da Emenda, 69-2.º, pondo Secção «Entigma».

PROBLEMA N.º 5

DECLIFRACAO

Três pontos principais havia a considerar neste problema, e só um concorrente, o sr. Juvenal Oliveira, a quem felicitamos, os viu caber e completamente:

a) Alberto Pimenta afirmava ter sido empurrado para cima do canteiro das flores, e neste não se via o mínimo vestígio da queda dum corpo.

b) Se as coisas se tivessem passado como dizia o declarante, a vítima ao ser atingida em pleno coração largaria a arma, e naturalmente, levaria as mãos ao peito;

c) E fazendo-o, cairia para a frente e não para trás.

Alguns dos nossos prezados colaboradores tocaram em dois pontos que nos pareceram fora de propósito. Uma pessoa em desequilíbrio não poderá fazer grande pontaria, mas nada impede que, disparando ao acaso até, atinja bem o alvo. Quanto ao facto de faltar uma bola na arma do morto, não demonstra mentira do depoente, pois não há razão que obrigue uma pessoa a trazer totalmente carregada a arma de que seja portador. Não será assim?

E vamos aos decifradores, segundo o sistema habitual:

Com 10 pontos: Juvenal Oliveira (44).

Com 2 pontos: Elviro, Alguedo, Graval, Xis, Jocati, Rocambole, Maria Luiza, Rapasag, Mr. J. G. Reeder e Philo Viana (49); Dropé, Erbeo, Mr. Dell e Ordial (48); Rlail Verro (38); Zárteba (18) e Adolfo Lima (17).

Com 7 pontos: Detective Águla e Repórter 8 (42); Licam (39); Nemo (31); R. P. (29); Azevedo Moreira (21); Pereira Soares (15).

Com 3 pontos: Jorge Belo e Agente Koko Tudo (42); Artur Varato e Fantomas (40); Filipe José da Silva (39); Mário Marques (32); Pralleto (27); Black Falcon (22); Júlio Peig (21); Manuel Alpino e Dr. V. C. (5).

POSTA RESTANTE

Agente Koko Tudo — Há de concordar que há coisas a que é obrigatório os decifradores referirem-se. Saudades! Pereira Soares foi julgada «Juvenal Oliveira» — Parabéns pela «performance» conseguida. Quanto às suas boas palavras, só me cabe agradecer-las, embora as ache exageradamente elogiosas.

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Beleza

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA



PHILIPS

1946

JOSÉ COSTA
 AGENTE OFICIAL DA
 "PHILIPS"

11, RUA DE S. PAULO, 13 — LISBOA



Falámos noutra dia do êxito que «La Dernière Chances», o famoso filme suíço, tem alcançado no mundo inteiro. Trata-se, no dizer de Greer Garson, «do filme mais belo que viu até hoje». É a odisséia emocionante de um grupo de refugiados, que fogem da Itália em guerra, até encontrar a Paz nas montanhas do Suíço neutral. «A história é uma mensagem de esperança para a Europa», disse Jean Herschot. Damos hoje uma imagem desta obra excepcional, que nos revela dois artistas no fundo maravilhoso das grandes serras nevadas.



Cyd Charisse e Glória Grahame arremessam a bola, passando-a por debaixo dos pernas. Um exercício que põe à prova todos os músculos do corpo.

SOBRE «Cais do Sodré» está tudo dito... A crítica, desde os folios de uma unanimidade comovedora, salvo em alguns aspectos de menor importância. O resto, a Imprensa de conjunto. O comentador de uma revista semanal quisera fazer uma apreciação geral do filme vê-se, na Ingrata posição de ter repetir quinze dias depois aquilo que já foi dito em todos os tons, nas colunas da Imprensa diária. E assim, preferimos fazer incidir as nossas palavras sobre certas noções que convém fixar, não tanto pelo que aproveitam à fita visual, como pelas lições que poderão servir para o futuro.

Digamos, antes de mais nada, que «Cais do Sodré» já era uma obra simpática, antes de surgir na tela branca. Sabia-se, com efeito, que a iniciativa partiria de um grupo de rapazes, onde havia a par de pessoas com a experiência dos estúdios, outras que o cinema tentara recentemente. Mas em todas dominava a ideia de fazer obra feita e assada, assegurada por sé organização técnica e financeira. A empresa produtora parecia ter a intenção de conseguir boas vontades, ao lançar-se na feitura de filmes, orçamentos dentro dos limites possíveis do mercado nacional. Não havia intuítos especulativos, nem valdeias de qualquer espécie, a satisfazer «Cais do Sodré» tinha muito da sinceridade dos seus colaboradores, e aquela parcela de idealismo e de ingenuidade, indispensáveis para animar os seus esforços.

Em modo geral, os que se agruparam para fazer o filme não devem ter sentido flúida a confiança que depositaram nos resultados. Combedores da história, viram-na erguida tal como certamente a imaginaram. O público, em compensação, poderá ter estranhado possivelmente, que todo este edifício assentasse sobre tão frágeis alicerces, porque o argumento do filme se revelou de assustadora debilidade e, pior do que isso, foi desenvolvido cinematográficamente de forma tão primária, que nem sequer permitia, a «defesa» das incoerências, nos momentos culminantes do desenrolar do conflito.

Quer dizer: havia em «Cais do Sodré» obreiros capazes de construir um filme. Smplesmente: não foram tão hábeis ao conceber e desenhar o guião. Por outras palavras: falharam na fase preliminar dos trabalhos do filme sobre o papel, na medida em que triunfaram a partir da primeira volta da manivela. Os erros mais notórios não são de execução — mas, acima de tudo, de concepção.

A história, que serve de base a «Cais do Sodré» não é bem evidentemente. Peca por falta de verdade humana. As reacções dos intérpretes são falsas, por via de regra. Os mo-

A PROPÓSITO DE «CAIS DO SODRÉ» ATELIÇÃO AOS ARGUMENTOS! POR FERNANDO FRAGOSO

mentos culminantes da acção não se podem aceitar, ora porque são inverosímeis, ora porque não têm «preparações» adequadas. Mas, mesmo assim, se a história houvesse sido outro-
tratamentos, outra sequência, outro desenvolvimento — muitas das falhas iniciais apareceriam atenuadas, na cruzada dos seus efeitos.

Na verdade, aquele médico que após um análise sumária declarou que a Manuela Maria tem cura — e de choferre computa o tratamento em 90 contos; a renúncia de João Fátexa e o seu sacrificio por amor; a cena do roubo, com incrível desfecho na taberna; poderiam ter sido «defendidas», com uma «preparação», que lhes falta em absoluto. Depois, a planificação agravou o mal. As «sequências», são curtíssimas. Daí a infinidade de «encadeados» e «afusões» que enchem o filme de ponta a ponta. Esta tendência para não «arrastar» a acção é tão contraproducente como o mal que pretende evitar. No cinema, há um tempo, que se não pode ludir, sem graves prejuízos, que afectam a clareza e a verdade da exposição.

Manuela Maria é um anjo de bondade, adorada pela gente da Ribeira. A ponto dos velhos frequentadores da taberna sofrerem com a dificuldade de obter o dinheiro necessário para a sua cura. Mas há alguma cena que não nos mostre, ainda que da jeteira ou da sua cadeira de rodas, em contacto com esse mundo que a estrenece? João Fátexa tem uma paixão fatal pela Manuela. É capaz de tudo para a salvar. Dá a vida, em holocausto à sua felicidade. Mas há alguma cena que seja a expressão desse amor, feito de sacrificio e de abnegação? O grande motivo dramático do filme é este amor silencioso, mas exaltado; saudosista, porque é irrevocável, grande — porque chega a renúncia. João Fátexa seria logicamente a figura primordial do conflito. E a sua morte — o momento culminante da história. Pergunta-se: a sequência e a planificação conduziram a novela neste «sensendum» emocional? A morte de João Fátexa, o seu sacrificio, digno dum figura camiliana, trazem consigo o só pro da tragédia! Não. João Fátexa desaparece diante dos olhos do público, como aparecia ante os olhos de Manuela — como um estranho ou um indiferente.

Não, como daqueles que negam

qualidades à história do «Cais do Sodré». A finta paraliática, que «sonha» com a cura, o mal, honrado estivoado, que rouba para a salvar; o João, que morre por amor dela; o Toivo, menino bonito e conquistador da borda-de-água; a Rosa, doidivana com o coração de olivo; o «capitão» que se esquece de que foi pobre — tudo isto cheira a «fados», é certo, mas não me parece inteiramente desolado, pelo ambiente que procura formar, como mais ou menos verdade e enoção. Mas, como disse, no contrário do que deve suceder com todas as histórias, os autores da sequência e da planificação não a valorizaram. Em pensamento, há figuras secundárias que foram tratadas com extremo carinho, como o «Pezelino» e o «Chico Banata». E por isso, é sobre eles que o filme assenta, em grande parte. O resto é paisagem, quase sempre...

No que se refere à parte documental, ao aproveitamento das sugestões picturais que o meio poderia oferecer, os autores do argumento também não foram muito além de breves apontamentos. É certo que não há em Lisboa, pelo menos dum modo geral, casas e tabernas a beiramar, como o filme nos as apresenta. A gente da Ribeira vive em regra na masmorra, na Alfama ou na avoaria, divorciada do Tejo que é apenas o seu local de trabalho. As próprias tabernas do porto terão possivelmente entre os frequentadores mais operários das fábricas que as cercam do que marlinhos, propriamente ditos. Lisboa, sob esse aspecto, não é Marachilho... Mas, mesmo assim, ficou um mundo de cenas da beira-rio por explorar. E entre todas, citamos a descarga das fragatas, com as raparigas de canastra a cabeça correndo, como alveolas, sobre as pranchas — e que muito bem poderia ter servido para a apresentação de uma coisa, que, tal como está no filme, nos parece, de preferência, uma «malta vendem sorrisos e cautelas da Santa Casa».

E não dizemos tal porque nos choque a «estilização» desta Roma, oxigenada e «vampiresca»... Somos daqueles que preterem o «aparante» «fado de banhos de Vergílio Teixeira» a excessiva e requintada elegância dos penteados da Campoy, à «poesia» das barbas por fazer ou ao «realismo» dos fundidos das calças do Fe-

xeim. O reparo serve na medida em que possa contribuir para definir os personagens ou situações, no meio que lhes é próprio.

«Cais do Sodré» poderia ter sido um belo um limo filme. O realizador, o fotógrafo, o operador de som e os intérpretes capricharam no seu trabalho. Ercheram-no de coisas bonitas. Mas por melhores que sejam os construtores de uma casa, ela há-de ser sempre o que acenhou. A planta estiver errada ou for mal colocada, a obra não será praticamente concluída. Porque é entre as quatro paredes do escritório que um realizador deve fazer o seu filme.

O cinema português vem lutando, entre outras coisas, com uma crise de argumentos, de oitannos para cá trás, veremos que as histórias dos últimos filmes têm sido muito más, quer no que se refere à sua fase inicial, quer no que diz respeito ao «tratamento» cinematográfico. Já o afirmamos, mas não nos cansamos de repetir este slogan: que poderia inscrever-se no pórtico do «Departamento de Argumentistas» dos estúdios de todo o mundo: com uma boa história pode fazer-se um mau filme. Com uma história más, nunca poderá fazer-se um bom filme.

A sequência e a «planificação» são cabulosos e as paredes negras das obras cinematográficas. Todos os cuidados que se lhes possam dispensar há-de reflectir-se beneficentemente no resultado final.

«Cais do Sodré» ilustra admiravelmente a afirmação. Oxalá os que se interessam pela marcha do cinema nacional, saltem colher os exemplos e as lições, que a visão daquela obra oferece, para além dos limites do estético.

Um romance epizotante:

CASABLANCA

por RAMIRO VIDAL

A descrição arrebatadora do drama dos refugiados de toda a Europa que tentam fugir à ocupação alemã.

Um volume com 8 fotografuras

ESC. 10\$00

EM TODAS AS LIVRARIAS

Edição ARGÓ — Lisboa



Esso, rivalização. Cyd Chorrise salta sobre Lino Ramoy. Exercício recomendado para manter a esquelética.

Cyd Chorrise e Lino Ramoy praticam uma ginástica admirável para eliminar as adiposidades.

ALEGRIA A BEIRA-RIA

SE bem que Junho tenha entrado com chuva, o calor, leitores, não é deves-tar. E, com ele, virá a agradável deliciosa manha na praia, propícia às loucas correrias sobre a areia quente, como prelúdio para um bom banho.

Entretanto, quase todas as raparigas aproveitam a liberdade de movimentos que o fado de banho consente, para fazer um pouco de ginástica — e adedejar ou manter a linha. Lina Romay, Cyd Chorrise e Lina Graham exemplificam, nestas três imagens, alguns exercícios de resultados seguros.

E para os pôr em prática, leitoras, há que esperar que venha o calor, se ele ainda não tiver aparecido à data em que este número da nossa revista vir a lume...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA EUROPEIA

FORÇAS E TERRÃO

CAPÍTULO XXXI

A FORTALEZA EUROPEIA



General Sikorski, chefe do Governo Polaco de Londres

almirante que não tinha o hábito de mastigar as palavras, numa reunião de jornalistas, disse abertamente que estranhava o silêncio da imprensa soviética sobre a extensão do auxílio que a U.R.S.S. estava a receber do seu país ao abrigo da lei de Emprestimo e Arrendamento, auxílio que constituía um dos factores decisivos para explicar as vitórias dos exércitos soviéticos nos campos de batalha. Parecia, acrescentava o embaixador,



Nunca como entre as refeições.

... e ainda assim como muito pouco. A comida mais simples causa-me dores." E pena que ela tenha de se abater de comer muitos cozinhados nutritivos, quando de facto a Magnésia Bisurada lhe proporcionaria alívio nos casos de indisposições gástricas, tais como: azia, flatulência, sensação de peso, ardores, etc. Se a Senhora tem medo de comer, ou se priva de petiscos, por ser vítima de perturbações da digestão, não deve hesitar em experimentar a Magnésia Bisurada, remédio para o estômago de uma eficácia comprovada.

DIGESTÃO ASSICURADA com MAGNÉSIA BISURADA

À venda em todas as farmácias, a 1.500 e 2.300, pó ou comprimidos.

que o governo soviético desejava criar entre o seu povo a convicção de que ele estava isolado e obrigado a suportar o peso da guerra e que no caso de esta ser ganha o povo russo seria o único artífice da vitória.

A rádio de Moscovo apressou-se a emendar essa omissão mas dias depois o sub secretário de Estado, Sumner Welles, declarou publicamente que a declaração do embaixador fora feita sob sua responsabilidade pessoal, e não traduzida de maneira nenhuma, os pontos de vista do governo de Washington.

A posição do almirante Vistula não era, depois disso, muito alrosa e algum tempo depois ele abandonou Moscovo sendo substituído por Averell Harriman que se mostrou mais parcimonioso nas suas declarações e procurou não agravar as relações russo-americanas.

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DA INCOMPATIBILIDADE ENTRE OS GOVERNOS RUSSO E POLACO.

Embora sobre as relações entre o governo soviético e o governo polaco de Londres tivessem corrido as mais desencontradas versões, nenhuma declaração oficial surgira, até ao começo de 1943, para fazer supor que as relações entre os dois governos variam rapidamente em termos de tornar inúteis todas as tentativas de aproximação e de esforços para restabelecer a concordia entre eles.

Não fica em que essa realidade se tornou, no tal forma evidente que passou a condicionar o conjunto das relações inter-aliadas, foi possível constatar alié que ponto era perigoso o terreno pelo qual tinham enveredado os dois governos interessados.

As divergências fizeram-se sentir entre a opinião pública dos países anglo-saxónicos e de maneira especial entre os elementos da opinião pública americana de origem polaca, os quais se mostraram excepcionalmente sensíveis às atitudes do governo soviético e à evolução das relações russo-polacas.

No dia 25 de Fevereiro a primeira manifestação pública das divergências existentes surgiu com a publicação de uma nota do governo polaco de Londres na qual se faziam, entre outras, as seguintes afirmações: que a Polónia nunca se prestara a colaborar com a Alemanha na política anti-russa deste país; que o governo polaco de Londres repudiava todos os gestos dos polacos que tivessem sido considerados contrários à política oficial do governo de Moscovo ou à política oficial do russo na guerra; que o governo polaco de Londres desejava manter com o governo da U. R. S. S. iguais amistosas relações, uma vez que terminassem as hostilidades; que eram falsas todas as notícias relativas a circular, segundo as quais o governo polaco de Londres aspirava a alargar até ao Mar Negro as fronteiras da Polónia a reconstituir depois da luta, que aquele governo se propunha cumprir rigorosamente o tratado russo-polaco de 30 de Julho de 1941 no qual ambos os governos assumiam a responsabilidade de respectar a actual territorial existente à data do início das hostilidades na Europa, em 1 de Setembro de 1939, quando da invasão da Polónia pelas tropas alemãs.

O PROBLEMA DAS FRONTEIRAS ORIENTAIS DA POLÓNIA E A SUA INCIDÊNCIA NAS RELAÇÕES RUSSO-POLACAS.

Esta declaração veio levantar uma ponta do véu que cobria a atmosfera equívoca em que estavam a desenvolver-se as relações entre os dois governos e a sua publicação serviu para confirmar os boatos que corriam sobre o agravamento crescente dessas rela-

ções. A declaração, embora redigida em termos correctos e indicativos quanto ao fundamento das razões que alegava, não é incoerente e não levanta em plena guerra uma das questões mais delicadas e difíceis de resolver que a evolução da luta suscitara: a questão da delimitação das fronteiras orientais da Polónia e da sua incidência sobre as relações civis os dois países.

No dia 1 de Março a Agência telegráfica soviética respondeu, em termos de uma violação reveladora, à comunicação do governo polaco de Londres. Nessa resposta afirmava-se que a Polónia oficial continuava a não querer reconhecer os direitos históricos das populações da Ucrânia e da Rússia Branca que tinham estado sob o domínio polaco no período que decorreu entre as duas guerras. Essas populações aspiravam a ser encorporadas na União Soviética e esta mostrava-se decidida a que lhes fosse dada satisfação.

A nota soviética invocava os antecedentes da linha Curzon e o testemunho deste homem de Estado britânico que apenas de nunca haver escondido a sua hostilidade ao povo e ao governo soviético reconhecia o fundamento das reivindicações tradicionais dessas populações.

A parte mais saliente da nota soviética era aquela em que se negava fundamento às afirmações polacas segundo as quais a Polónia nunca se prestara a colaborar com o Reich hitleriano na sua política de hostilidade aos soviets. A evocação da acção do coronel Beck durante a sua passagem pelo ministério dos Estrangeiros da Polónia era apresentada como o principal argumento a favor da tese soviética. Essa acção fora invariavelmente repudiada pelo governo polaco de Londres e o seu autor responsabilizado em grande parte pela guerra que estalara na Europa em Setembro de 1939. Mas a nota publicada em Moscovo afirmava que os círculos dirigentes da Polónia em Londres continuavam fiéis às directrizes da política do coronel Beck considerada reacção e provocadora em relação à U. R. S. S. e aos seus interesses.

A declaração pública feita em 27 de Fevereiro de 1943 pelo governo polaco de Londres sobre as fronteiras futuras do seu país, declaração em que aparecia claramente afirmado o propósito de não permitir que a integridade do território da Polónia, tal como este existia à data do início das hostilidades, fosse posta em qualquer discussão, marcou o início de um pe-

riodo perigoso nas relações entre os dois países, período que devia prolongar-se até ao termo da guerra e aos dois anos depois. Durante esses dois anos as relações russo-polacas nunca deixaram de se agravar e de constituir um perigo real para a unidade dos Aliados na guerra e na paz.

Poucos dias depois de ter sido publicada a declaração a que nos referimos, o chefe do governo polaco de Londres, general Vladislav Sikorski, pronunciou, em 2 de Março, durante um jantar a que assistiu na capital britânica, um importante discurso com o qual procurou atenuar o efeito produzido pela declaração oficial do governo a que presidia. Nesse discurso, que teve nos meios polacos britânicos um excelente acolhimento, o general punha em relevo a lealdade com que a Polónia antes da guerra se comportara, recusando-se, sistematicamente, a aceitar as sugestões do nazismo para uma aliança que, em última análise, tinha o objectivo declarado de fazer a guerra à U.R.S.S. e invadir o território deste país.

Nesse discurso o chefe do governo polaco de Londres afirmava o seu firme propósito de se não associar a qualquer tentativa que, de futuro, viesse a ser feita para organizar na Europa uma nova cruzada ideológica e renovava as suas declarações anteriores de que, acima de tudo, a Polónia renovada se propunha manter as melhores relações com o seu poderoso vizinho de leste.

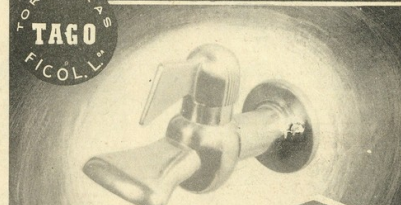
Mas estas declarações não tiveram o mérito de acalmar a irritação provocada em Moscovo, e em 4 de Março o governo polaco de Londres voltou a ocupar-se publicamente do assunto para renovar a sua declaração inicial de que a Polónia se não resignava a sacrificar as suas províncias orientais para considerar a linha Curzon um traçado artificial que nenhuma razão política podia justificar.

A LINHA CURZON E AS INTERPRETAÇÕES A QUE ELA DAVA LUGAR

A argumentação do governo polaco de Londres baseava-se, fundamentalmente, em duas ordens de razões: primeiro, a linha Curzon era para os polacos uma linha de armistício; segundo, as populações que ela delimitava não podiam, em circunstância nenhuma, perder a sua nacionalidade pelo facto de serem anexadas pela força os territórios que habitavam.

(Continua)

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES



EVITE as incomodas e aborrecidas refeições utilizando em sua casa as Torneiras MAGO

PASTA MEDICINAL Couto

TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00



Á VENDA EM TODA A PARTE
 Caixa pequena..... 3\$00
 Caixa grande..... 8\$00
 Dep.º: COUTO, L. 44 — Porto
 L. S. Domingos, 168

Quando os meus pés doem...



Um banho de alguns minutos, e os-meus ali-viados.

Depois de um duro dia de labor, os calos ardem e picam. Os pés estão fadigados e doridos.

Ah! que horrível suplicio! Preipito-me sobre os Saltratos Rodel que ponho dentro de água quente até que tome uma aparência leitosa. Que agradável banho aos pés, oxigenado e curativo! Mergulho ade meus pobres pés torturados. A dor desaparece, os calos e calosidades acalmam e amolecem. Os Saltratos Rodel vendem-se nas farmácias e drograrias a preço insignificante.

"55" o Batón da Moda não tem rival



PASSATEMPO

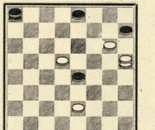
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
 Toda a correspondência deve ser enviada para o seu Marquez, Ed. do Standarte, 109, 3.ª L. SECA



DAMAS

(Secção espanhola)
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»
 (Final artístico)
 COMPOSIÇÃO N.º 89
 (Final artístico)

«La Provincias — Las Palmas (Espanha)»
 Tema: «Lusitania XXII»



Jogam as brancas e ganham.
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 51
 (Secção portuguesa)
 4-8 23-28 14-18 2-27
 24-15 32-23 22-6 30-23
 8-15 e ganham.
 P.

PASSATEMPO

Pelo Dr. José Rodrigues Correia (Viseu):

1	A	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—
3	—	—	—	—	—
4	—	—	—	—	—
5	—	—	—	—	—
6	—	—	—	—	—
7	—	—	—	—	—
8	M	—	—	—	—
9	—	—	—	—	—
10	—	—	—	—	—
11	—	—	—	—	—
12	—	—	—	—	—
13	—	—	—	—	—

1 — Aprazar; 2 — desmoronar; 3 — sopas de pão; 4 — inchado; 5 — cevar; 6 — balla; 7 — amolar; 8 — encante; 9 — atrevose; 10 — nadar; 11 — vigia; 12 — irritado; 13 — frente; 14 — limalha.
 Resolvido este passatempo, as letras da primeira coluna indicam o nome de um visense ilustre, já falecido.

BILHETE DE VISITA

«ARIAM» apresenta-nos este bilhete de visita:

BERTA NILO COLAM CASCO
 Estas letras encobrem o nome de um grande escritor português já falecido.
 Quem o descobre?

PARA «MATAR O TEMPO».
 Pede-se a alguém que escreva um número de três algarismos, e que o subtraia de outro que seja esse mesmo número, mas invertido. Depois de feita a subtração diz-se-lhe para nos informar qual o algarismo da direita (olhando o número). Imediatamente ficamos sabendo o número completo da subtração.
 Como?
 É o que vamos explicar: Seja qual for a subtração feita da maneira acima indicada, o número de meio é sempre 9, e a diferença entre o algarismo da direita e o do meio (6) val dar-nos o primeiro algarismo da esquerda (olhando o número).
 Exemplifiquemos:
 Suponhamos que o número escrito foi 274. Portanto, esse mesmo número invertido é o 472.

PALAVRAS CRUZADAS

(Nova modalidade)

PROBLEMA N.º 7

Por Augusto Teixeira Marques (Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Nome de homem; 2 — Vinho mau ou estragado; 3 — Partida que, no dialecto românico falado ao sul do Loire, significava sim; feriado escolar; produto de burro e água ou de cavalo e burra; 4 — Aplicar; partido (fig.); 5 — Sulcam a terra; desferir (v.); 6 — Apellido ou sobrenome; 7 — Palmeiras; vila e cabeça de concelho (Aveiro), Portugal; 8 — Andes; pronome pessoal; 9 — Artigo; disse dos animais anfíbios sem cauda; nesse lugar; 10 — Metra ao mar largo (o navio); 11 — Aveludo de maior estatura português.
VERTICAIS: 1 — Maneira; diz-se de toda a curva fechada e alongada e particularmente de uma curva alométrica como a ellipse; 2 — Indivíduo, apaixonado por qualquer ideia, sistema ou divertimento (pl.); 3 — Face de dado ou pedra de domínio;

Número invertido..... 472
 Subtraído o número inscrito..... 274
 Dá..... 198

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

apresentar; artigo; 4 — Privado; nota musical (pl.); desejo; 5 — Voz imitativa do estrondo, produzido pela queda de um corpo ou pela detonação de arma de fogo; relativo ao anua; 6 — Hize; doçura (fig.); larva; que se cria nas feridas dos animais; 7 — Cangiêlo; voz imitativa de pancada ou queda; 8 — Arvore venenosa do arquipélago da Maldiva; abertura circular; agora (advérbio); 9 — Contração de preposição e de artigo (inv.); sinal, também conhecido por chave, e que serve para abranger diferentes termos num só designação; clima; 10 — Importuna; eal vamos (interjeção); 11 — Profereiros (tolices, disparates).

Número invertido..... 473
 Número inscrito..... 874
 Dá..... 99

Assim, o algarismo da direita é 8. A diferença de 8 para 0 é de 1, que é como acima se vê o primeiro da esquerda.
 Outro exemplo:

O primeiro algarismo da direita é 9. A diferença de 9 para 9 é 0 e, portanto, logo ficamos sabendo que não há o primeiro algarismo da esquerda, e que o número resultante da subtração é 99.

APRENDA EM SUA CASA CURSOS

Guarda-Livros DE Língua Portuguesa
 Chefe de Escriatório Língua Francesa
 Cálculo Comercial Língua Inglesa
 Cursos dos Liceus Correspondente



Recorte este anúncio e remeta-o à
Escola Lusitana de Ensino por Correspondência,
 que lhe enviará, grátis, no volta do correio, o folheto de propaganda. R. DE S. MAMEDE, 32, 3.ª-Seq.-LISBOA

CABELOS COMO FIOS DE CRISTAL



Depois da permanente ou tinta, os cabelos ficam ásperos, ressequidos e baços. LAVOLAN-HUILE torna-os em cinco minutos apenas, sedosos, maleáveis e brilhantes — sem o aspecto repugnante de engordurados ou húmidos. Faça hoje mesmo uma experiência.

LAVOLAN-HUILE
 huile biologique

Frascos para 108, 158 e 25800.
 A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29-Porto. Distribuidores no continente: António Ferreira Pinheiro, Rua dos Correeiros, 123-1. — Lisboa.



Uma saia branca, plissada, descendo abaixo do outro saia é um dos estratagemas usados para obrigar as mulheres a usar saias mais compridas...



Esta saia é ligeiramente mais comprida atrás do que adiante, embora se possa notar que toda ela é mais comprida do que a maioria das saias usadas.



Uma saia sem bainha, num vestido de jantar. A barra assemelha-se às calças das odaliscas.



Um vestido de campo com saia de bainha larga, mais comprida atrás do que à frente

Leiam isto, minhas senhoras!...

AS SAIAS TÊM A DESCER

O processo de aumentar o comprimento da saia pela parte posterior é um estratagema usado para levar as mulheres a preferirem as saias compridas.

Este estratagema foi usado em 1927, na altura em que as saias subiram acima do joelho. Primeiro desceu a barra de trás e depois, gradualmente começou a baixar a parte anterior. Por alturas de 1933 as saias já davam pelo tornozelo.

Agora que as saias subiram acima do joelho, de novo se iniciou o período do seu alongamento pela parte de trás.

Não há que duvidar, minhas senhoras! As saias vão descer, o que deve ser uma alegria para os maridos ciumentos!...



Uma saia do tipo abaladoras



Saia recortada, num vestido de manhã. A parte anterior desce pouco abaixo do joelho, mas a parte posterior atinge a curva da perna.